

2- Conferência pronunciada pelo Engenheiro Agrônomo, Eudes de Souza Leão Pinto, Professor de Genética Vegetal, no Salão Nobre da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), no dia 03 de julho de 1945, relatando os resultados da viagem de estudos nos Estados Unidos da América, no ano de 1944, atendendo ao convite da Comissão Brasileiro-Americana, após ser indicado pela Congregação da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco para representar a Escola no mencionado Curso. Na ocasião especializou-se em Fomento da Produção Agrícola, estagiando em Beltsville, onde colheu valiosos dados técnicos e científicos para a lavoura e pecuária, conforme se depreende desse relatório-conferência. Artigo publicado no **Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio**, v. XIII, n. 1, jul., 1945. p. 21-32.

“Seduzido pelo avantajamento de suas dimensões e pela perfeição de suas construções e equipamentos complementares, caminhei para o seu parque e qual não foi minha emoção quando ao entrar na primeira green house encontrei à minha espera um representante do mundo vegetal do meu Brasil: a nossa Hevea brasiliensis, a nossa seringueira.

Contemplei-a com a alma do lado de cá do Atlântico chorando a perda da oportunidade que nós deixamos fugir, de nos impormos ao mundo como fornecedores de artigo vital para o curso da guerra pela liberdade dos povos e exultante de fé em um futuro radioso para a exploração da nossa árvore da borracha. Quando pude desviar minhas vistas de seu porte simples e altaneiro, as outras plantas suas companheiras da morada quente, desapareceram-me em significação.

Designado o Estado de Washington para sede do meu treinamento, onde ganharia as experiências práticas de Fomento, vi-me forçado pelas forças das circunstâncias a pedir reconsideração da referida escolha, apresentando uma circunstanciada exposição de motivos que justificava minha recusa em aceitar o Estado mencionado. Viajando para lá, obedecendo a uma orientação de pessoas que naturalmente não conheciam perfeitamente bem nossas condições climáticas, nem os elementos culturais aqui aproveitados como fatores econômicos da região, estaria gozando as vantagens de uma viagem através de toda a zona norte dos Estados Unidos, da costa leste a costa oeste, mais prejudicando meu completo aproveitamento. No Estado de Washington cultivava-se trigo, aveia, centeio, cevada, macieiras, pereiras, pecegueiros, enfim, culturas de zona fria de 47° graus de latitude norte. O que eu precisava era realizar meu estágio em Estado onde houvesse condições semelhantes as de Pernambuco ou do Nordeste, em sentido climático agrícola, ganhando assim o máximo de conhecimentos úteis ao meu Estado e conseqüentemente ao meu País. Julgaram os meus orientadores conveniente minha exposição de motivos e atendendo à minha sugestão deram-me o Estado do Alabama, onde permaneci pelo espaço de 5 meses.

Para todos nós professores brasileiros das Escolas de Agronomia lá representadas houve um curso no Departamento de Agricultura, em Washington D.C., no qual tivemos como professores as mais expressivas figuras do Serviço de Fomento Federal e algumas dos Fomentos Estaduais. O referido curso deu-nos além dos altamente proveitosos conhecimentos, o crédito universitário obtido em Cursos de Especializações.

Recife, 03 de julho de 1945.